

A Verdade Está Lá Fora: Resposta às Operações de Desinformação e Dissimulação dos Insurgentes

Cori E. Dauber

A OPERAÇÃO *VALHALLA* FOI um engajamento completamente normal, do tipo em que as unidades das Forças Especiais dos EUA participaram durante toda a guerra do Iraque. Contudo, foi, se não um ponto decisivo da guerra, um exemplo perfeito dos novos desafios apresentados pelo combate no Iraque — e, bem possivelmente, quaisquer conflitos futuros contra as insurgências islâmicas — contra os quais é quase impossível reagir de forma eficaz.

A Operação *Valhalla* foi um engajamento entre, de um lado, um batalhão de soldados das Forças Especiais dos EUA com a unidade das Forças Especiais do Iraque sendo treinada por ele e, de outro, um esquadrão da morte do Jaish al-Mahdi (JAM), mais conhecido como Exército Mahdi. O engajamento era completamente usual: as forças dos EUA localizaram os combatentes do JAM responsáveis pelos assassinatos especialmente

brutais de alguns civis e de vários soldados iraquianos. Quando as forças dos EUA e do governo iraquiano chegaram ao complexo do JAM, houve um breve tiroteio. Contudo, quando as forças do JAM enfrentaram soldados bem treinados e bem armados em vez de civis desarmados, sua sorte mudou radicalmente.

Foi o que ocorreu depois do fim do tiroteio — na verdade, depois que as forças dos EUA e do governo iraquiano deixaram a área — que fez com que esse engajamento em particular mereça um estudo detalhado.

Nem o batalhão do 10º Grupo de Forças Especiais (Aeroterrestre) do Exército dos EUA, sob o comando do então tenente-coronel Sean Swindell (na época, integrante da Força-Tarefa de Operações Especiais Combinadas da Península Árabe [*Combined Joint Special Operations Task Force, Arabian Peninsula — CJSOTF-AP*]), nem as forças do governo iraquiano sofreram baixas durante o combate de 26 de março de 2006, com exceção de um soldado iraquiano com um ferimento não fatal. Foram eliminados 16 ou 17 combatentes do JAM; um esconderijo de armas foi encontrado e destruído; um refém severamente espancado foi encontrado e resgatado; e aproximadamente 16 outros membros do JAM foram detidos, quando, então, as forças dos EUA e do Iraque deixaram o local.

Com base em seus encontros com a Al-Qaeda no Iraque (AQI) e outros grupos insurgentes sunitas, o Coronel Kenneth Tovo, comandante, à época, do 10º Grupo e da CJSOTF-AP, relata que um ciclo de 24 a 48 horas entre um evento e o aparecimento de propaganda sobre ele na internet



(AFP, Ahmad Al-Rubaye)

Um iraquiano lamenta a morte de seu irmão fora de um hospital local no bairro pobre Cidade Sadr em Bagdá, 26 de março de 2006. A legenda original para esta foto era “17 pessoas foram mortas durante um confronto ontem em uma mesquita xiita”, implicando que foram atacadas lá.

Cori E. Dauber possui o título de Bacharel e o de Doutorado pela Northwestern University e o de Mestrado pela University of North Carolina. É Professora Adjunta de Estudos de Comunicação e de Paz, Guerra e Defesa na University of

North Carolina e, atualmente, é pesquisadora visitante no Instituto de Estudos Estratégicos (Strategic Studies Institute) da Escola de Guerra do Exército dos EUA em Carlisle Barracks, na Pensilvânia.

tinha virado rotina para as Forças Especiais operando no Iraque durante aquele período. No entanto, em 26 de março de 2006, quando as forças especiais e as forças do Iraque chegaram de volta ao seu complexo, aproximadamente uma hora depois de deixar o local do tiroteio, alguém tinha movido os corpos e removido as armas dos combatentes do JAM no complexo deles para que não parecesse que haviam morrido enquanto disparavam armas. Agora pareciam ter morrido enquanto oravam. Alguém havia fotografado os corpos nessas novas poses e colocado as imagens na internet, acompanhadas de um comunicado à imprensa explicando que soldados americanos haviam entrado em uma mesquita e matado homens que oravam pacificamente. Tudo isso levou aproximadamente 45 minutos. Como disse o Coronel Tovo: “Eles literalmente transmitiram sua história, sua propaganda, antes de a força de assalto chegar de volta ao complexo; assim, em menos de uma hora, tinham divulgado a sua versão para a mídia. Foi brilhante assim. Isso realmente nos surpreendeu naquela primeira vez porque estávamos mais ou menos acostumados ao modelo dos insurgentes sunitas e da Al-Qaeda, que consistia em 24 a 48 horas para divulgar uma matéria...”¹

Desnecessário dizer que tanto a mídia americana quanto a mídia árabe veicularam a matéria quase imediatamente. Também é desnecessário dizer que o resultado foi uma investigação que levou cerca de um mês, durante o qual a unidade foi, sem meias palavras, tirada de campo. Assim, uma unidade que nunca poderia ter sido superada em combate real pelas forças do JAM foi, em essência, neutralizada durante um mês por essas mesmas forças com a utilização de uma câmera de celular.

Felizmente, as forças dos EUA haviam sido acompanhadas por integrantes das unidades de “câmeras de combate” e elas mesmas haviam utilizado “câmeras de capacete” em vários casos. Assim as fotografias de “antes” estavam disponíveis para comparação com as de “depois” que os membros da milícia colocaram na internet. Isso fez toda a diferença durante a investigação. (De fato, em uma entrevista com o autor, o Tenente-Coronel Swindell observou que nunca mais participaria de uma operação sem pelo menos câmeras de capacete se não houvesse pessoal de câmera de combate à disposição. Na verdade,

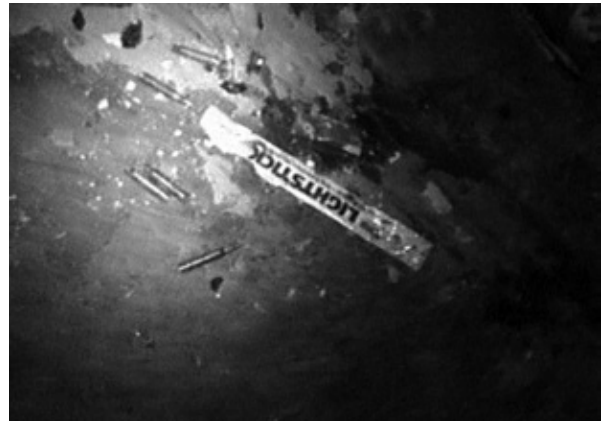


Foto da AP, The Associated Press Television News

Cartuchos vazios no chão manchado de sangue, supostamente de uma mesquita xiita na área da Cidade Sadr de Bagdá, no Iraque, 26 de março de 2006. Os xiitas radicais alegaram, falsamente, que 18 pessoas foram mortas pelas forças iraquianas e americanas em uma mesquita.

duvidou que obteria a aprovação de uma operação no futuro se não incorporasse no seu planejamento algum meio para criar um registro visual do que os seus soldados fizeram e deixaram de fazer.²)

Ultimamente, acadêmicos,³ especialistas⁴ e a imprensa⁵ vêm prestando cada vez mais atenção ao enorme esforço que os grupos islâmicos fazem para produzir uma gama de materiais de mídia (em particular, mas não exclusivamente, na internet), destinados a recrutar, mobilizar, instruir e persuadir. Essa atenção é claramente justificada. O Tenente-Coronel Terry Guild, um oficial do Exército dos EUA especializado nas operações de informações, disse em palavras simples: “A infraestrutura de mídia do inimigo é rápida, cooperativa, virtual, global, técnica e está ficando cada vez melhor.”⁶

No entanto, esse trabalho constantemente desconsidera um elemento-chave de grande parte desse material. Embora seja verdade que esses materiais exercem um papel importante para os fins internos do movimento, também representam uma capacidade sofisticada de contar histórias, produzindo textos que podem *servir a mais de um objetivo retórico ao mesmo tempo*.⁷ Para muitos desses grupos (embora certamente não todos), seu centro de gravidade é a opinião pública americana. Sem dúvida, é o caso de muitos grupos que lutam contra as forças da coalizão no Iraque. Em tudo o que fazem em termos da criação de textos persuasivos, levam esse público em conta, pelo menos parcialmente. Nem todo texto persuasivo se destina a influenciar públicos no mundo islâmico.

As forças militares americanas devem estar cientes das ramificações da propaganda inimiga para a opinião interna nos EUA ao considerar como responder a ela.

O Público Americano como Centro de Gravidade

Muitos grupos insurgentes no Iraque têm uma necessidade real de influenciar a opinião pública americana. Para que eles cumpram suas metas, os EUA precisam se retirar do Iraque. A pergunta é: como realizar isso? O que eles acham que é o *nosso* centro de gravidade? A Al-Qaeda sabe que os EUA saíram do Vietnã e interpretou que isso significa que, se ela provocar taxas inaceitáveis de baixas e exercer pressão suficiente, os EUA deixarão outros teatros de operações também.⁸

Contudo, os insurgentes iraquianos entendem que não podem ter sucesso somente por seus próprios esforços no campo de batalha. O Coronel Tovo observa:

Diria que, pelo menos para o Iraque, quase sempre foi uma luta da mídia... Quando se examinam os movimentos insurgentes da história, há claramente algumas insurgências que acreditaram poder ganhar militarmente. No fim das contas, porém, o centro de gravidade sempre é o povo realmente. Sempre se luta uma batalha pelos corações e mentes do povo e, por isso, não acho que isso mudou com o surgimento da internet e de câmeras por toda a parte. É apenas mais fácil para os insurgentes alcançar o povo. No entanto, até quando se remonta à Argélia... a mídia é certamente presente, mas muito menos frequente no campo de batalha. Ainda buscam conseguir o maior efeito de operações de informações de cada evento... O mesmo ocorre com muitas insurgências, mas eu diria que a diferença da insurgência que enfrentamos agora é que ela tem um componente de informações bem maior e um componente militar bem menor. Então, ao contrário do modelo vietnamita, em que eles realmente achavam que nos esgotariam e venceriam, até certo ponto, no campo de batalha (embora não o tenham feito), acredito que os insurgentes no Iraque claramente não pensam que têm esperança alguma de nos derrotar militarmente. É

puramente uma luta para influenciar a população e levar a população dos EUA a desanimar e perder a vontade e compelir os outros atores internacionais a retirar o apoio ao esforço americano. Diria, então, que o componente de informação cresceu em importância com o tempo.⁹

A internet, enquanto isso, é uma porta de vaivém. Os insurgentes podem hoje, pela primeira vez, monitorar a forma como seus esforços são cobertos pela imprensa americana — quase em tempo real — a uma distância de milhares de quilômetros. Essa não é apenas a primeira guerra travada com acesso ilimitado e global ao seu público; também é a primeira guerra travada quando a imprensa mundial entrou na internet. Até os jornais menores têm uma presença on-line hoje em dia, e as redes de televisão veiculam toda a sua cobertura em seus próprios sites, em menor ou maior grau. Os insurgentes podem assistir à forma como seus esforços são cobertos para os públicos que desejam influenciar e adaptar estratégias caso não gostem do que veem. Ao mesmo tempo, sabem que a imprensa ocidental monitora com a máxima atenção os sites deles — mesmo se concebidos e mantidos principalmente para recrutar novos membros ou mobilizar o apoio existente. Assim, podem usar sua presença na internet como um conduto pronto passando pela imprensa até a audiência americana.

O resultado é a primeira guerra em que praticamente todos os ataques são filmados pelo inimigo para fins de propaganda.¹⁰ Tantos ataques de dispositivos explosivos improvisados contra comboios, bombardeios suicidas, execuções de reféns e ataques de franco-atiradores contra soldados são filmados que frequentemente se sugere que eles estão sendo encenados para fornecer material *para* a filmagem. Como Susan B. Glaser e Steve Coll do *The Washington Post* escreveram sobre a organização Abu Musab al-Zarqawi no Iraque: “Nunca antes uma organização de guerrilha entrelaçou com tanto sucesso a sua guerra no campo em tempo real com o seu jihad eletrônico, tornando os membros do grupo de Zarqawi praticantes de o que, segundo os peritos, será o futuro da guerra insurgente, em que nenhuma ação ocorre sem registro e as atrocidades parecem ser cometidas para serem filmadas e distribuídas quase instantaneamente na

internet”. Continuam: “A filmagem de um ataque se tornou parte integrante do próprio ataque”.¹¹

David Kilcullen, um especialista em contrainsurgência que assessorou o General Petraeus, observa que “o lado de ‘informação’ da operação da Al-Qaeda é o mais importante; o lado físico é simplesmente a ferramenta para alcançar um resultado de propaganda”.¹² O Tenente-Coronel Guild acrescenta: “Um soldado americano faz uma inspeção pré-combate, verifica se tem munição, água e tudo o mais. Bem, o nosso inimigo faz isso, mas, em suas inspeções pré-combate, ele também verifica se o operador de câmera está no local com a filmadora e baterias, para ou levar o vídeo para um esconderijo ou carregar em algum site na internet, para garantir que... a mensagem seja disseminada. E isso é arraigado... seria estranho se não fizessem isso”.¹³

Esses vídeos de “tocaia” claramente servem a um fim interno para esses grupos, mas deixamos escapar algo essencial se apenas os analisamos da perspectiva do papel que desempenham como parte de um sistema de persuasão entre os islamitas e o seu público. Os vídeos são também concebidos, e usados, como uma maneira de comunicar com o público americano e persuadi-lo. Essa comunicação é possível porque as redes de notícias americanas, incapazes de obter sequências de filmagem de combate regulares de outra forma, descarregam, de forma sistemática, esse material, integrando-o em suas reportagens, muitas vezes de forma imperceptível, há muitos anos.

Às vezes, os segmentos são utilizados com sinais visuais ou auditivos que indicam que foram tirados de um site terrorista ou insurgente, embora esses sinais sejam raramente suficientes, dado que nunca se fez esforço algum para abordar explicitamente que essa é uma prática jornalística normal.¹⁴ A CNN, a CBS e a NBC começaram a sobrepôr as palavras “VÍDEO INSURGENTE” em pelo menos parte do material, semelhante à legenda que todas as redes usam quando apresentam material recebido do Departamento de Defesa (em geral, algo como “FILMAGEM DOS ARQUIVOS DO DEPARTAMENTO DE DEFESA”). Essa prática parece ser uma solução perfeitamente aceitável se as redes de televisão a aplicarem consistentemente e exibirem a legenda durante todo o vídeo adquirido dos sites terroristas ou insurgentes, o que não parece ser o caso de nenhuma delas atualmente.¹⁵

(Empregar essa solução de forma inconsistente pode ser pior que simplesmente não aplicá-la, porque os espectadores podem acreditar que, quando não houver legenda, o vídeo não venha das fontes insurgentes.)

“...acredito que os insurgentes no Iraque claramente não pensam que têm esperança alguma de nos derrotar militarmente... Diria, então, que o componente de informação cresceu em importância com o tempo.”

Não deve haver dúvida quanto a isso. Os terroristas e insurgentes filmaram ataques encenados para o fim expresso de fornecer propaganda para ser filmada. Talvez até mais importante, os terroristas e insurgentes editaram as imagens, mesmo que o pessoal das redes de televisão as tenham reeditado depois. É material de propaganda, e não um vídeo de notícias. Como Ben Venzke descreve, os “vídeos são uma forma de ataque psicológico subsequente contra as vítimas e sociedades visadas pelo grupo. São concebidos para ampliar os efeitos dos ataques.”¹⁶

Os próprios insurgentes agora são a fonte principal de vídeos de notícias quando se trata da questão essencial de ataques contra o pessoal militar americano no Iraque. Isso significa que a autenticidade do material é de importância vital, porque desempenhou um papel fundamental na formação da percepção do público americano em relação à guerra.

Fabricação de Eventos pelos Insurgentes

Por mais difundidos que sejam os vídeos de “tocaia” e por mais preocupante que seja o emprego deles pelas redes de notícias, eles retratam, em geral, eventos que realmente ocorreram (embora o público não tenha como

saber ou confirmar sua precisão). Parte da razão pela qual o emprego do material pelas redes de notícias é perturbador é que os insurgentes não apenas o filmaram, mas também o *editaram*: não há como saber o que aconteceu antes ou depois das cenas divulgadas.

Uma estratégia completamente diferente consiste na fabricação de eventos. O número de fatos alterados e o grau de relação entre a matéria dos insurgentes e os fatos variam de um incidente para outro. De fato, as redes de notícias foram vítimas de embustes devido a sua disposição em usar filmagens que não podiam validar no momento da transmissão.

Em um caso, os insurgentes tiveram sucesso porque inseriram o embuste “de carona” com um evento real. Em 1º de dezembro de 2005, um único dispositivo explosivo improvisado matou 10 fuzileiros navais e feriu outros 11, o que foi amplamente noticiado pelas redes de notícias no dia seguinte. Contudo, um dia depois, em 3 de dezembro, a Al Jazeera, a rede de satélite árabe, veiculou imagens fornecidas por insurgentes, que alegaram ser justamente a filmagem da explosão. O que quer que fosse, porém, não podia ser um filme do mesmo ataque, porque aquele dispositivo explosivo improvisado havia sido detonado durante a noite, e essa filmagem era claramente de algo que ocorrera em plena luz do dia.

Não obstante, naquela noite a NBC transmitiu o vídeo da Al Jazeera. Na manhã seguinte, a CBS o veiculou, admitindo que ele havia sido fornecido pelo Exército Islâmico do Iraque, que era “impossível autenticá-lo” e que as Forças Armadas dos EUA negavam que a filmagem era do incidente em questão.¹⁷

Embora houvesse falado com alguém nas forças militares, a NBC decidiu transmitir o vídeo sem contatar o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) oficialmente, o qual, sem dúvida, teria tentado dissuadi-la.¹⁸ Quem quer que seja a pessoa com quem falaram, ela tentou avisá-los, fornecendo-lhes os antecedentes exatamente sobre a informação que os representantes oficiais do CFN teriam fornecido: que essa não podia ser a filmagem correta porque foi feita durante o dia, enquanto os fuzileiros navais foram mortos à noite. Entretanto, a NBC decidiu transmiti-la assim mesmo.

Sem dúvida, a NBC forneceu muito mais informações que a CBS para ajudar os espectadores a avaliar a filmagem, mas o que disseram mal explicou a decisão de utilizá-la. De fato, a NBC parecia provar que a filmagem não era legítima, o que fez com que não ficasse claro, em primeiro lugar, por que a transmitiu: “Esta noite a TV árabe Al Jazeera noticiou que um grupo extremista chamado Exército Islâmico, no Iraque, que colaborou com a Al-Qaeda aqui, alegou que este vídeo perturbador era do mesmo ataque perto de Fallujah, assumindo também a responsabilidade pelo bombardeio. Contudo, mais tarde hoje à noite, um porta-voz das forças militares dos EUA disse à NBC News que o vídeo não mostrou o incidente real — que ocorreu depois do anoitecer e não em plena luz do dia. No entanto, o porta-voz não negou que o vídeo mostrou um ataque preocupante contra as forças dos EUA”.¹⁹

A NBC talvez não soubesse o que tinha em mãos, mas, o que quer que fosse, estava claro que não era uma filmagem do ataque em questão. E eles sabiam disso. Não importam quantas ressalvas ou explicações oferecidas pelo seu repórter, a NBC continuava a se fazer cúmplice na disseminação da propaganda insurgente. A filmagem transmitida pelo canal mostrou um grupo de soldados americanos avançando e depois uma grande explosão, ponto em que o segmento termina.

Com o corte da filmagem nesse ponto, a forte sugestão é que a explosão matou os soldados ou pelo menos os feriu gravemente e que as redes de televisão a cortaram porque sempre a cortam nesse ponto, para evitar televisionar imagens perturbadoras demais. De fato, porém, não há como saber o que ocorreu. Se outro dispositivo explosivo improvisado tivesse sido grande o suficiente para matar aquela quantidade de soldados, teria sido notícia. Afinal, essa foi a razão pela qual a primeira explosão durante a noite foi tão notável. Por isso, é duvidoso que tenha havido outra explosão igualmente grande à luz do dia, que a imprensa simplesmente tenha ignorado. Esse vídeo era autêntico? É provável que fosse a filmagem de uma grande explosão ocorrida quando os soldados dos EUA avançavam. A questão é se essa filmagem é do evento que é *insinuado*.

O uso das imagens em uma reportagem sobre uma explosão grande o suficiente para matar dez pessoas implica que *essa* explosão também

havia sido grande o suficiente para matar todos os soldados no local, mas não há base para supor que isso seja verdade; na realidade, há uma boa razão para presumir que não seja. Há motivo, então, para duvidar da associação que resulta da exibição da filmagem enquanto se discute a explosão conhecida, mas a associação ocorre automaticamente, e as ressalvas do repórter não servem para atenuá-la. As imagens funcionam porque, em geral, não paramos para analisar as premissas e associações implícitas que geram. A CBS e a NBC criaram um forte conjunto de associações, enquanto ofereceram um conjunto de ressalvas fracas demais para contrabalançar essas associações. Isso deixa o espectador acreditar que, mesmo que a filmagem não seja necessariamente do primeiro ataque de dispositivo explosivo improvisado, que matou um grande número de fuzileiros navais, então é de *outro* ataque que *também* matou um grande número de fuzileiros navais. De fato, a discussão do repórter sobre as possíveis implicações da filmagem leva o espectador a essa conclusão.

Assim, damos aos insurgentes mais crédito do que merecem, permitindo que, para milhões de espectadores, a filmagem surta exatamente o efeito pretendido e esperado pelos insurgentes. Ao que parece, estes não tinham a filmagem da explosão em que dez homens morreram; então, eles improvisaram e, ao fazê-lo, foram capazes de sugerir que houvera não apenas uma, mas duas grandes explosões que mataram pessoal dos EUA, quando, na verdade, não há evidência que sugira que foi esse o caso.

A NBC tem o mérito mínimo de ter deixado o logotipo dos insurgentes no vídeo para que a fonte ficasse evidente — supondo que o público prestou atenção suficiente e entendeu o que ele significava, em vez de presumir que era o símbolo da Al Jazeera. Isso não muda o fato de que a NBC disseminou a propaganda do inimigo, sem fazer esforço algum para analisar ou discutir a filmagem como propaganda — o que deixa a campanha de informação do inimigo intata e sem crítica e, portanto, bem-sucedida, pelo menos até certo ponto.



Foto da AP. Al Jazeera. AP Television News

Uma imagem do vídeo supostamente feito pelo Exército Islâmico do Iraque, transmitido pela emissora Al Jazeera em dezembro de 2005, que representaria uma explosão que atingiu uma patrulha a pé americana.

No dia seguinte o CFN emitiu um comunicado à imprensa. Foi o mais claro e direto possível: “Um vídeo colocado em um site terrorista e

...decidiu transmitir o vídeo sem contatar o Corpo de Fuzileiros Navais oficialmente, o qual, sem dúvida, teria tentado dissuadi-la.

transmitido por algumas organizações da mídia que, supostamente, mostra o ataque de dispositivos explosivos improvisados que matou 10 fuzileiros navais dos EUA, no dia 1º de dezembro, consiste em desinformação. As circunstâncias do ataque perto de Fallujah não correspondem às mostradas no vídeo. Embora não possamos discernir se o vídeo exibido é autêntico, a declaração que ele mostra o ataque de explosivos improvisados perto de Fallujah no dia 1º de dezembro é falsa”.²⁰

Às vezes, os insurgentes foram ainda mais longe, manipulando as imagens existentes para criar algo novo e essencialmente fictício, e se tornaram cada vez mais sofisticados em achar maneiras para fazê-lo. A ABC News noticiou que, depois que um soldado perdeu um “diário em vídeo” que tinha filmado no Iraque para seu uso pessoal, partes dele começaram a aparecer logo depois na internet e na Al Jazeera — mas com o áudio original apagado. Foi inserida a voz de outro falante de inglês que se fazia passar pelo soldado, explicando à mãe, em uma mensagem de Natal para casa, entre outras coisas: “‘Os crimes cometidos pelos nossos soldados durante os arrombamentos de casas começaram a se fundir, como roubos, assédio, estupros e homicídios aleatórios,’ diz a voz. ‘Por que estamos aqui? O povo nos odeia.’”²¹

Os que produziram o vídeo foram longe demais ao terminá-lo dizendo que era uma tragédia que esse pobre soldado tivesse morrido no Iraque antes de voltar para casa para o Natal. Infelizmente para os insurgentes, a ABC conseguiu verificar que várias alegações feitas pelo narrador eram falsas (a começar pelo fato de que era improvável que o

soldado houvesse produzido uma “mensagem de Natal” para a família quando, na realidade, havia deixado o Iraque seis meses antes do Natal).²² Por isso, a ABC enquadrou a matéria como sendo de uma tentativa audaciosa (mas ineficaz) de propaganda. Assim, embora talvez funcionasse com o público árabe, não foi transferida com êxito para o público americano.

Na verdade, durante uma entrevista com o autor, o oficial de Relações Públicas da 101ª Divisão Aeroterrestre, a unidade de origem do soldado, ele me disse que o esforço insurgente foi, de fato, muito eficaz: a ABC estava se preparando para fazer uma matéria sobre a tragédia de um soldado contrário à guerra morto no Iraque, em essência apresentando a história exatamente como noticiada pela Al Jazeera. Apesar do grande número de inexatidões da matéria e do caráter exagerado das alegações, só ao apresentar o soldado vivo é que o oficial de Relações Públicas conseguiu impedir que a reportagem da Al Jazeera aparecesse na ABC News. Vale lembrar que essa matéria foi criada quando um roteiro escrito pelo grupo insurgente Exército Islâmico do Iraque forneceu a base para o áudio subsequentemente acrescentado pela Al Jazeera. O Tenente-Coronel Ed Loomis, oficial de Relações Públicas da 101ª Div, disse: a “única coisa que, segundo eles [ABC News], poria fim à transmissão era que eu teria de colocar o Tucker [o soldado em questão] na frente da câmera. O fato de que Tucker estava vivo, e o fato de que erraram o posto dele, e o fato de que isso não era de maneira alguma uma carta de Natal para a sua família já que havia deixado o Iraque seis meses antes do Natal... uma mentira atrás da outra [não era o suficiente].”²³

Loomis aponta que, embora o roteiro tenha sido escrito pelo Exército Islâmico do Iraque, a “Al Jazeera produziu o áudio; a leitura da carta era criação da Al Jazeera, algo pelo qual me pediram desculpas pelo telefone”, embora ele não saiba se o canal se retratou no ar.²⁴

Agora, a obra ganhou nova vida na internet, direcionada a americanos para demonstrar a eles a crueldade da guerra no Iraque, tanto para os iraquianos quanto para os seus próprios soldados. A NBC News noticiou que é o ponto central de uma estratégia explícita discutida nas salas de bate-papo on-line islâmicas, concebida de modo que os seus integrantes se façam passar

na internet por soldados americanos feridos na guerra, utilizando essa dissimulação para virar os americanos contra a guerra. (Essa foi talvez a única vez que a imprensa americana reconheceu que havia uma batalha pelos “corações e mentes dos americanos” em andamento, embora, é claro, não tenha havido discussão alguma sobre o seu papel nela.²⁵)

Os grupos insurgentes fizeram a internet trabalhar para eles em outras ocasiões. É difícil capturar fuzileiros navais treinados. É fácil publicar alegações na internet de que se conseguiu capturá-los — e vale o investimento (incrivelmente baixo), já que o benefício é exatamente o mesmo — só não dura tanto tempo. O Coronel David Lapan, oficial adjunto de Relações Públicas do CFN, explica como essa tática funciona:

A certa altura do nosso período no Iraque, surgiram relatos de que cinco fuzileiros navais tinham sido capturados no oeste do país. Então, a nossa primeira reação é... isso soa como mais propaganda, mas não podemos dizer isso, porque temos uma obrigação de dizer a verdade e não sabemos disso com certeza. Assim, levei isso à atenção do comandante, que, então, ordenou a verificação de 100% do pessoal em todas as unidades em nossa área para determinar se todos estavam presentes, para que, ao final, pudéssemos determinar que não havia cinco homens fora do nosso controle, mas isso levou oito horas. Agora, considerando a dimensão e a abrangência, isso é impressionante: oito horas para determinar a localização de aproximadamente 25.000 fuzileiros navais e soldados na maior parte do oeste do Iraque, mas o principal é que, durante oito horas, a “verdade” ou a verdade percebida era que cinco fuzileiros navais tinham sido capturados. Assim, mais uma vez, o inimigo divulga o que quer em termos de informação, finge que é verdade, essa informação é acolhida e se torna objeto de reportagens e é repetida e, então, os EUA, por terem de ser verdadeiros, realizam a investigação dos fatos e podem, enfim, dizer mais tarde: “Isso é incorreto”. Contudo, por oito horas, havia uma versão diferente do que as pessoas percebiam como a verdade.

E esse é um dos maiores desafios [que enfrentamos como oficiais de Relações Públicas.]²⁶

O Desafio de Reagir

A diferença entre os dois lados, conforme explicado pelo Tenente-Coronel Guild, é esta: “A mídia, para eles, é uma arma de guerra. A mídia, para nós, não é. E essa é a norma que vi ao longo de vários anos, esses caras são muito bons no que fazem, e é um sistema de operações do campo de batalha [para eles]”.²⁷

Não se deve subestimar a dificuldade para as forças armadas desenvolverem uma estratégia eficaz para enfrentar as mentiras dos terroristas e insurgentes. Como afirma o Coronel Lapan, antigo porta-voz da 2ª Força Expedicionária do CFN (Avançada): “Nosso adversário não segue as regras do jogo, e vemos isso claramente em uma série de coisas muito mais graves que a divulgação de informações. Contudo, a maneira de pensar sobre isso é que o inimigo não tem escrúpulos em decapitar pessoas, torturá-las, matar mulheres e crianças de propósito, qualquer uma dessas coisas; portanto, mentir realmente não é uma preocupação deles. Por isso, é difícil quando você tem de dizer a verdade, e seu adversário não. Assim, o inimigo pode mentir à vontade; não há repercussões ao fazê-lo, mas, como temos a obrigação de dizer a verdade, fica difícil reagir contra isso”.²⁸

O Coronel Lapan, para ser claro, não argumenta contra as restrições que impedem o pessoal americano de mentir. Descreve os desafios enfrentados por aqueles que, a menos que estejam *certos* da verdade, não podem responder a um inimigo que pode simplesmente continuar a inventar acusações e até eventos. Sempre haverá uma diferença entre os dois lados em termos da velocidade com a qual podem produzir e disseminar material, propaganda ou contrapropaganda por várias razões:

- Em geral, as Forças Armadas dos EUA respondem a alegações inimigas. Portanto, por definição, os EUA mantêm uma postura reativa na maior parte do tempo. (Embora não haja razão intrínseca alguma para que seja esse o caso; o Departamento de Defesa, Comando Central e outros comandos relevantes podem facilmente disseminar comunicados à imprensa referentes às atrocidades do inimigo, e devem fazê-lo.)

- As histórias falsas podem ser distribuídas a qualquer momento, sempre que o criador estiver pronto para clicar no botão “enviar”. O iniciador da história não está, portanto, sujeito a restrições de tempo.

- Nesta guerra, as forças inimigas não são hierarquizadas. As forças que criam os materiais contra os quais os EUA têm de reagir não são necessariamente nada mais que um “homem e um laptop”.²⁹ Até os menores grupos têm setores de mídia, e até os maiores não são muito hierárquicos em termos de estrutura. As forças militares dos EUA, por outro lado, consistem em uma organização grande e hierárquica, subordinada ao controle civil. Aqueles que criam material precisam obter a aprovação da cadeia de comando antes de publicá-lo, e a autoridade responsável pela divulgação está, muitas vezes, vários níveis acima do criador do material.

Além disso, as forças militares dos EUA parecem, às vezes, fazer todo o possível para adiar as suas respostas. Embora o inimigo tenha estabelecido um recorde mundial de rapidez no caso da Operação *Valhalla*, por exemplo, os EUA não fizeram esforço algum para responder na mesma moeda. O oficial de operações do 10º Grupo, integrante da CJSOTF-AP na época da *Valhalla*, Major Chris Smith, explicou os atrasos da seguinte forma:

Lançamos uma operação contra insurgentes conhecidos. Nessa operação, resgatamos um refém que, sem dúvida, seria assassinado e que exibia sinais de tortura; descobrimos uma grande quantidade de armas... Recebemos tiros dos insurgentes no local do objetivo, acabamos eliminando muitos deles e prendendo mais ou menos a mesma quantidade de insurgentes que não atiravam em nós — exibindo disciplina de fogo também. Os iraquianos que assessorávamos fizeram isso, tivemos a oportunidade, naquela noite, de falar com... o *Washington Post* — também tivemos a oportunidade de aparecer na televisão e descrever o que aconteceu. Isso levou três dias. Esse é o Exército. Três dias para deixar sair qualquer notícia. Quando saiu, veio do Secretário de Defesa e o quadro de apresentação que ele usou no Pentágono, o quadro propriamente dito, as imagens que estavam nele, era

exatamente o mesmo que nós tínhamos preparado em horas depois da operação. Então, o quadro ficou lá parado durante 70 horas, a mesma [informação] que foi apresentada três dias depois ficou parada durante 70 horas. A culpa é nossa.³⁰

A era da mídia moderna é digital e, em uma era digital, a velocidade é tudo. O nosso inimigo entende isso intuitivamente. As forças militares dos EUA, pelo menos nesse caso, com certeza não entenderam. O então Secretário de Defesa Rumsfeld fazia discursos sobre a era digital, mas, ao mesmo tempo, os materiais de apresentação eram retidos, e, na era atual, um atraso de 70 horas é uma eternidade, tempo mais que suficiente para que opiniões se formem e se cristalizem, ainda mais para aqueles inclinados a pensar que qualquer coisa que você diga por fim carece de credibilidade, particularmente se os seus argumentos se baseiam em imagens.

Na verdade, um atraso de 24 horas é, essencialmente, tão devastador quanto um de 70 horas. A questão é por que o Exército não mostrou à imprensa as suas imagens de “antes” assim que soube que as imagens de “depois” do inimigo estavam na internet ou, pelo menos, assim que elas foram liberadas para fins de segurança, supondo que foi esse o motivo do atraso (embora não esteja claro qual seria o valor de segurança das fotos). E, se a liberação das imagens foi a causa do atraso, não está claro por que foi necessário um atraso de 24 horas antes de mostrar as fotos à imprensa. Assim que as imagens de “depois” foram publicadas na internet, a liberação das imagens de “antes” se tornou vital, de fato, uma tarefa essencial para a missão. A disseminação das fotos não visava a agradar a imprensa. Destinava-se a bloquear uma matéria que podia causar danos reais, particularmente no mundo árabe.

Como as forças militares se reuniram em Washington, os repórteres fazendo as perguntas não eram os repórteres que cobriram a matéria. Os jornalistas do Pentágono são, em geral, bem informados sobre assuntos militares, mas não sabem necessariamente os detalhes de cada matéria, em particular se ela não foi de sua responsabilidade. Uma coletiva de imprensa do Pentágono significava que os repórteres envolvidos não estavam completamente a par das alegações em discussão ou de quais perguntas poderiam

determinar a validade das alegações dos EUA agora que estavam em posição de sustentá-las com provas. Por sua vez, os responsáveis pela apresentação estavam a milhares de quilômetros de distância e em um escalão hierárquico muito afastado dos eventos no campo. Qualquer pergunta que exigisse algum grau de especificidade abalava a coletiva de acordo com o poder do argumento das forças militares — e a base de sua credibilidade — perdia o ímpeto sempre que os responsáveis pela apresentação tinham de dizer aos repórteres (como era de se prever): “Não estávamos lá, mas teremos o maior prazer em buscar as respostas para vocês”.

Assim, ocorreu o seguinte diálogo:

Pergunta: Ontem, ao falar na Escola de Guerra, o senhor deu uma nota muito ruim para o desempenho dos EUA na guerra de ideias. E penso que este último acontecimento talvez seja um exemplo de como o outro lado está vencendo, ao transformá-lo em uma questão sobre uma

***...o inimigo não tem
escrúpulos em decapitar
pessoas, torturá-las, matar
mulheres e crianças de
propósito, qualquer uma
dessas coisas; portanto,
mentir realmente não é uma
preocupação deles...***

mesquita. ...Como descreveria o problema, e como o resolveria?

RUMSFELD: Acho que é difícil — com certeza. É uma coisa muito complicada de fazer. Quando algo acontece, as pessoas que enfrentamos são cruéis e mentem. E são... obviamente, têm comitês de mídia, planejam o que vão fazer, planejam como vão manipular a imprensa e vão rapidamente e o fazem. E não há penalidade alguma para isso. De fato, só há recompensas, porque a corrida da desinformação já deu a volta ao

mundo enquanto, como dizem, a verdade ainda está calçando as botas. Nossa tarefa é determinar o que realmente ocorreu. E isso significa que é preciso ir lá e falar com as pessoas, e isso leva tempo, leva 24, 48 horas, o que for necessário. E isso acaba... em alguns casos, descobrir o que realmente ocorreu leva semanas.

E é simplesmente muito difícil. Aqui estamos, no século XXI, com todos esses meios de comunicação e de informação correndo ao redor do globo, e isso só faz com que seja uma coisa muito difícil de fazer.

Claramente, o governo dos Estados Unidos ainda não chegou ao ponto de ser tão hábil, astuto, flexível e rápido quanto o inimigo, que é perfeitamente capaz de mentir, tendo imprimido isso em todo o mundo, sem sofrer penalidade alguma por ter mentido. De fato, houve uma recompensa, porque muitas pessoas leram a mentira e acreditaram nela. [sic]

E são necessárias várias semanas para determinar o que realmente ocorreu. Quero dizer, até hoje de manhã, eu desconhecia os detalhes apresentados pelo Pete aqui; por sinal, ele também os desconhecia. E... não conheço solução alguma para isso...³¹

Entretanto, os materiais da apresentação estavam disponíveis havia dias; se houve um atraso, foi resultado da decisão de fazer a coletiva em Washington. Talvez a informação tenha levado 24 ou 48 horas para chegar até os escalões superiores do Pentágono, mas as pessoas no terreno estavam preparadas para falar com a imprensa quase imediatamente. Por que esperar? Qual era o benefício de fazer a coletiva em Washington? O próprio material da apresentação, obviamente, não foi aprimorado. De fato, não sofreu, ao que parece, alteração alguma. Os responsáveis pela apresentação, apesar de suas patentes, não sabiam responder às perguntas fundamentais porque não estiveram no local do incidente:

Pergunta: General, pode esclarecer algo? O minarete — o prédio com o minarete que ficava no complexo, alguém foi morto naquele prédio? Em caso afirmativo, as pessoas estavam armadas?

RUMSFELD: Você viu as fotos das armas no prédio.

Pergunta: Bem, eu sei. Bem, mas o general também disse que os disparos vieram de fora do complexo e —

PACE (General Peter Pace, Chefe do Estado-Maior de Defesa): Houve disparos de dentro do complexo. Não sei dizer se realmente havia alguém no minarete disparando ou não. Posso dizer que o minarete fazia parte do próprio complexo, aquele grande retângulo que você viu no canto da foto. Essa era a área-alvo. Não sabíamos que o minarete estava lá; nós o descobrimos depois que entramos. Tudo que estou dizendo é que havia um minarete, havia uma sala de oração nesse complexo. No entanto, todas as outras coisas que eu lhes mostrei estavam no complexo. Se foram retiradas da sala de oração ou do minarete, eu precisaria obter os detalhes para vocês. Desconheço esses fatos.

Pergunta: Sabe se alguém foi morto na sala de oração?

PACE: Não sei.

Pergunta: Porque parece ser essa a questão.

PACE: Não sei. Posso descobrir. Não sei disso.

E depois:

Pergunta: Algum americano travou combate ou foram apenas os iraquianos que enfrentaram os combatentes inimigos? Sabemos disso?

RUMSFELD: Acredito que isso foi comunicado ontem pelas pessoas no local, e eu lhes perguntaria. Elas apareceram e deram um bom briefing, acho.³²

Conclusão

Parte da dificuldade em responder a esses incidentes é que a imprensa tende a noticiá-los como “ele disse, ela disse”. Em outras palavras, quando há um conflito sobre o que ocorreu, a imprensa evita intencionalmente tomar uma posição sobre o que deve ou possa ter ocorrido ou até sobre quem tem mais credibilidade sobre o assunto. Contudo, essas são disputas sobre as evidências, e estas podem ser pesadas e avaliadas, proporcionando ao leitor alguma ideia de quem tem o argumento mais forte.

Na manhã depois de transmitir o vídeo da Al Jazeera, pretensamente do ataque de explosivos



O Secretário de Defesa Donald Rumsfeld e o Chefe do Estado-Maior da Defesa General Peter Pace respondem a perguntas durante uma coletiva de imprensa no Pentágono, 28 de março de 2006.

Força Aérea dos EUA, Suboficial Sean P. Houlihan

improvisados contra os fuzileiros navais, a NBC veiculou uma matéria — do mesmo repórter — sobre os esforços das forças militares contra a propaganda inimiga. Segue o texto completo dessa matéria:

Bem, conforme as eleições se aproximam e o derramamento de sangue aqui não mostra sinais de diminuir, as Forças Armadas dos EUA enfrentam aqui outra guerra. É chamada batalha da mídia e, até agora, são as forças militares dos EUA que estão na defensiva.

Os soldados iraquianos e americanos passaram rapidamente hoje por toda a cidade de Ramadi, tentando controlar o restante da Província de Al Anbar antes da eleição em 15 de dezembro. As primeiras remessas de cédulas de voto para as principais eleições nacionais chegaram, mas houve também um aumento de ataques violentos, muitos deles acompanhados pelo que

alguns peritos chamam de arma principal dos insurgentes: vídeos, frequentemente imagens poderosas e bem produzidas que aparecem nas emissoras árabes como a Al Jazeera ou nos sites da internet ligados a grupos como a Al-Qaeda no Iraque, liderada por Abu Musab al-Zarqawi.

O ataque mais recente, essas fotografias perturbadoras foram transmitidas no sábado pela Al Jazeera do que os insurgentes alegaram ser um bombardeio na margem da estrada contra uma patrulha de fuzileiros navais dos EUA perto de Fallujah, matando dez. As Forças Armadas dos EUA dizem que a alegação é falsa. Também falsa, diz o comando dos EUA, é uma reportagem baseada nesse vídeo não autenticado de homens armados alegando que insurgentes da Al-Qaeda controlavam a cidade de Ramadi.

ALSTON (General Donald Alston, porta-voz das Forças Armadas dos EUA): Isso foi desinformação. É apenas a tática usada para tentar criar medo e intimidar o povo iraquiano.

MACEDA: É apenas propaganda inteligente, dizem oficiais dos EUA, que tenta nivelar o campo de batalha. As Forças Armadas dos EUA insistiram hoje que estão fazendo avanços contínuos contra os insurgentes, mas admitem que a guerra da mídia ainda é uma batalha indefinida.³³

As Forças Armadas, a reportagem deixa de apontar, estão “na defensiva”, porque a imprensa americana continua a transmitir vídeos dos grupos insurgentes e terroristas, sem se incomodar em noticiar quaisquer argumentos reais oferecidos pelas forças militares ou justificativas apresentadas por elas para rejeitar

a propaganda inimiga. Apenas noticiar que as forças militares designam a propaganda *como* propaganda dificilmente mudará a opinião pública, não em comparação com a exibição das próprias imagens, porque nenhuma razão é dada para rejeitá-las.

As imagens são emocionais, viscerais, e seu impacto é instantâneo. As palavras, porém, são recebidas e interpretadas de forma linear, e somos muito mais bem treinados para ficar de alerta ao responder a elas.³⁴ Nunca será uma competição justa entre as duas.

As Forças Armadas devem buscar responder às imagens com imagens sempre que possível, devendo levar em consideração que, em uma era digital, qualquer semelhança com o velho “ciclo de notícias” foi completamente obliterada. Desde o início da “escalada de tropas” — e da implementação da nova doutrina de contrainsurgência — o apoio público para a guerra no Iraque começou a retornar. Com certeza, a redução da taxa de baixas é provavelmente uma grande parte da razão, mas os porta-vozes militares são mais visíveis (durante os períodos em que as redes de notícias se deram ao trabalho de cobrir a guerra), enquanto os comandantes de campanha, companhia e até superiores hoje estão disponíveis com regularidade para comentar eventos. Como evidências para as alegações militares, os produtos visuais são enviados à imprensa com muito mais rapidez. Parece razoável supor que essas mudanças tenham desempenhado um papel na mudança da opinião pública. Com certeza, vale a pena investigar a possibilidade mais a fundo, porque, considerando o baixo custo dos embustes criados pelos insurgentes e a alta taxa de retorno do investimento, não há razão para acreditar que vimos essa estratégia pela última vez. **MR**

REFERÊNCIAS

1. TOVO, Cel Kenneth. Entrevista concedida ao autor, no Forte Carson, Colorado, 21 de setembro de 2006.
2. SWINDELL, Ten Cel Sean. Entrevista concedida ao autor, no Forte Carson, Colorado, 21 de setembro de 2006.
3. Consulte KIMMAGE, Daniel e RUDOLFO, Kathleen. *Iraqi Insurgent Media: The War of Images and Ideas* (Washington, DC: A Radio Free Europe/Radio Liberty Special Report, 2007).
4. Veja, por exemplo, a obra de Laura Mansfield, disponível em: www.lauramansfield.com ou a obra de Evan F. Kohlmann, disponível em: www.globalterroralert.com.
5. Veja, por exemplo, “Internet Jihad: A World Wide Web of Terror”, *The Economist*, 12 de julho de 2007, disponível em: www.economist.com/world/displaystory.cfm?story_id=9472498, 22 de julho de 2007.

6. GUILD, Ten Cel Terry. Entrevista concedida ao autor, oficial de operações de informações, Base da Força Aérea MacDill, Tampa, na Flórida, 15 de agosto de 2006.
7. Por exemplo, consulte o briefing dado pelo Presidente do MEMRI Institute, Yigal Carmon, no Capitólio dos EUA em 19 de julho de 2007, sobre sites islâmicos na internet. Nele, ele sustenta que esses sites servem dois fins: as necessidades operacionais como o adestramento militar e a doutrinação. Consulte “The Enemy Within: Where Are the Jihadist/Islamist Websites Hosted and What Can Be Done About It?” MEMRI Inquiry and Analysis Series, No. 374, 19 de julho de 2007, disponível em: <http://memri.org/bin/latestnews.cgi?ID=IA37407>, acesso em: 21 de julho de 2007.
8. GUILD, Entrevista concedida ao autor. “Uma de suas metas é nos expulsar do Iraque, e eles pensam que, ao fazê-lo, encorajariam mais pessoas a aderir à sua causa, estabeleceriam a lei sharia e expandiriam o Califado, usando o Iraque como

base... sempre voltam ao abandono do Vietnã por parte dos EUA. Se conseguirem aplicar suficiente pressão interna nos EUA e mostrar os terríveis índices de baixas, pensamos que, no fim, vamos recolher nossas coisas e sair”.

9. TOVO, Entrevista concedida ao autor.

10. Os chechenos originaram a prática, com certeza, mas em uma época em que a internet era jovem — e, certamente, não estaria disponível em uma área como a Chechênia. Produziam vídeos de longa metragem para enviar de volta à Rússia. IntelCenter, “The Evolution of Jihadi Video (EJV),” v. 1.0, 11 de maio de 2005, 4, www.intelcenter.com/EJV-PUB-v1-0.pdf, acesso em: 8 de junho de 2006. Tiveram, essencialmente, uma ideia que estava um tanto à frente da tecnologia da época. Hoje, os ataques individuais são carregados na internet como segmentos de vídeo únicos quase imediatamente, uma proposta muito diferente quando se fala na atratividade do material para a imprensa.

11. GLASER, Susan B. e COLL, Steve. “The Web as Weapon: Zarqawi Intertwines Acts on Ground in Iraq with Propaganda Campaign on the Internet,” *The Washington Post*, 9 de agosto de 2005, http://web.lexis-nexis.com.libproxy.lib.unc.edu/universe/document?_m=b9d74f52e88e19e8531bae8bae901a31&docnum=1&wchp=dGLbVtb-zSkVA&_md5=973034f5f87f54c5c2f367909c698ccb, por meio de Lexis/Nexis Academic, acesso em: 1º de junho de 2007.

12. KILCULLEN, David J. “New Paradigms for 21st Century Conflict,” *eJournal U.S.A.*, <http://usinfo.state.gov/journals/itps/0507/ijpe/kilcullen.htm>, acesso em: 21 de junho de 2007.

13. GUILD, Entrevista concedida ao autor.

14. Periodicamente, matérias se referem a alegações feitas por esses grupos em sites islâmicos; assim, o público deve estar ciente de que as redes de notícias monitoram regularmente tais sites, mas isso está longe de discutir a prática de usá-los como uma fonte de produtos visuais, tratados como se tivessem vindo do operador de câmera da própria rede de notícias. Às vezes, não há sinal algum, mas o fato é que todas as seis redes fazem download desses segmentos, usando-os dessa forma com relativa frequência.

15. O argumento de que manter qualquer legenda sobreposta pelos próprios grupos na filmagem é suficiente não parece convincente, dado o pequeno número de americanos que leem árabe. Para muitos desses vídeos, isso não seria uma indicação suficiente, já que esses vídeos imitam — provavelmente de propósito — o formato daqueles de um site de notícias, usando, por exemplo, um “rodapé” de notícias na parte inferior da tela. Sendo o logotipo do grupo pequeno demais para ver claramente ou desconhecido para a maioria dos americanos, a legenda, por si só, fará com que o espectador pense que a filmagem foi tirada de uma rede de notícias de língua árabe. Pela mesma razão, deixar, como fazem alguns, o logotipo da fonte secundária — muitas vezes, o Site Institute — é insatisfatório, porque pouquíssimos não especialistas saberiam que o Site Institute é uma fonte dos vídeos insurgentes. Contudo, manter a legenda e o áudio, simplesmente baixando o volume para que a voz do repórter possa ser ouvida, é uma alternativa que as redes às vezes usam com grande efeito, já que as seleções musicais deixam pouca dúvida de que a filmagem não é de um site de notícias.

16. VENZKE, Ben. “Jihadi Master Video Guide (JMVG) v1.1,” 18 de maio de 2006, IntelCenter (Alexandria, VA), www.intelcenter.com/JMVG-V1-1.pdf, acesso em: 16 de junho de 2007.

17. Eles não foram específicos sobre com quem tinham falado nas Forças Armadas, simplesmente dizendo: “As Forças Armadas estão negando”. OSGOOD, Charles. “Al Jazeera Broadcasts Alleged Attack on U.S. Patrol,” *CBS Sunday Morning*, 4 de dezembro de 2005, via Lexis-Nexis Academic, http://web.lexis-nexis.com.libproxy.lib.unc.edu/universe/document?_m=d6361356adb4a956c77a672563b8b3c2&docnum=3&wchp=dGLbVlz-zSkVb&_md5=e2908a6a0b275e544c871e98b49f8a2e, acesso em: 21 de julho de 2007.

18. LAPAN, Cel David (Vice-Diretor de Relações Públicas do CFN). Entrevista concedida ao autor, 25 de agosto de 2006. Na época, o Cel Lapan era o porta-voz oficial da 2ª Força Expedicionária do CFN (Avançada), e estaria ciente — de fato, provavelmente teria tratado — de qualquer pedido de informações da NBC.

19. MACEDA, Jim. “Al Jazeera Shows Video of Bombing in Iraq,” *NBC Nightly News*, 3 de dezembro de 2005, Lexis-Nexis Academic, http://web.lexis-nexis.com.libproxy.lib.unc.edu/universe/document?_m=3c8ab0a9300bd83820d7ad88211cabf2&docnum=2&wchp=dGLbVlz-zSkVb&_md5=4337f9e099c022a82b4ae983e419dafc (acesso em: 20 de julho de 2006).

20. O Gabinete de Relações Públicas da Força Multinacional Oeste, Acampamento Fallujah, Iraque, “Press Release #05-369, Terrorist Video Claiming to be Attack That Killed 10 Marines is False,” 4 de dezembro de 2005, [www.iimefpublic.usmc.mil/public/InfolineMarines.nsf/DPSByID/DAC2D6A2B8AA3983C32570CD0038CA5A/\\$file/PRESS%20RELEASE_05-369.pdf](http://www.iimefpublic.usmc.mil/public/InfolineMarines.nsf/DPSByID/DAC2D6A2B8AA3983C32570CD0038CA5A/$file/PRESS%20RELEASE_05-369.pdf) (acesso em: 6 de julho de 2006).

21. SCHWARTZ, Rhonda e SAUER, Maddy. “Dead U.S. Soldier in Anti-War Video ‘Alive and Well,’” *The Blotter, ABCNews.com*, 8 de janeiro de 2007, http://blogs.abcnews.com/theblotter/2007/01/dead_us_Soldier.html, acesso em: 2 de março de 2007.

22. LOOMIS, Ten Cel Edward (Oficial de Relações Públicas de Divisão, da 101ª Divisão Aeroterrestre). Entrevista telefônica concedida ao autor, 9 de fevereiro de 2007.

23. *Ibid.*

24. *Ibid.*

25. MYERS, Lisa. “Islamic Extremist Web Sites Using Fake Video Footage to Present an Anti-American View on the War in Iraq,” *NBC Nightly News*, 7 de junho de 2007, via Lexis-Nexis Academic, http://web.lexis-nexis.com.libproxy.lib.unc.edu/universe/document?_m=434fc9ce0ad82c9ec7d643895772474e&docnum=1&wchp=dGLbVlz-zSkVb&_md5=23056fc88ad2f6ceffa737ea43d6df04, acesso em: 21 de julho de 2007.

26. LAPAN, Entrevista concedida ao autor.

27. GUILD, Entrevista concedida ao autor.

28. LAPAN, Entrevista concedida ao autor.

29. Kimmage e Rudolfo sustentam, contudo, (*Iraqi Insurgent Media*, 2007) que os produtores de mídia independentes foram desencorajados, pelo menos pelos maiores grupos iraquianos.

30. SMITH, Maj Chris (Oficial de Operações do 10º Grupo de Forças Especiais (A) do Exército dos EUA). Entrevista concedida ao autor, 21 de setembro de 2006, no Forte Carson, Colorado.

31. Donald Rumsfeld, Secretário de Defesa, e General Peter Pace, do CFN dos EUA, Chefe do Estado-Maior da Defesa, Department of Defense Regular Briefing, 28 de março de 2006, na sala de imprensa do Pentágono, Arlington, Virginia, *Federal News Service*, via Lexis-Nexis Academic, http://web.lexis-nexis.com.libproxy.lib.unc.edu/universe/document?_m=6684e9e894ebb90d237a4b46ea8b3e29&docnum=2&wchp=dGLzVlz-zSkVA&_md5=a434f3765a2017240bc896072e6076f, 14 de julho de 2007.

32. *Ibid.*

33. MACEDA, Jim. “More Bloodshed Expected as Elections Draw Closer in Iraq,” 4 de dezembro de 2005, *Sunday Today*, Lexis-Nexis Academic, http://web.lexis-nexis.com.libproxy.lib.unc.edu/universe/document?_m=3c8ab0a9300bd83820d7ad88211cabf2&docnum=1&wchp=dGLbVlz-zSkVb&_md5=19a2eedb52ba827a033a87f63bc88ef6, acesso em: 20 de julho de 2006.

34. Consulte, por exemplo, DAUBER, Cori. “The Shot Seen ‘Round the World: The Impact of the Images of Mogadishu on American Military Operations,” *Rhetoric and Public Affairs*, 4 (Inverno de 2001): pp. 653-88.

A autora gostaria de agradecer às pessoas a seguir por sua ajuda com este artigo. O Coronel Stanley Taylor (reformado) e o então Coronel Kenneth Tovo tornaram possível a minha visita ao Forte Carson para entrevistar oficiais do 10º Grupo de Forças Especiais (A) do Exército dos EUA. O Major Mark McCann, na época do 10º Grupo, ajudou-me a organizar essa visita; suas ideias, em particular quanto à importância da Operação Valhalla foram inestimáveis para mim. Agradeço ao Coronel David Lapan, do CFN dos EUA, aos Coronéis Joseph Kilgore e William Darley (reformado) e à Capitã Karla S. Owen pela gentileza de ler e comentar as versões preliminares. Entrevistei vários indivíduos para este projeto, pessoalmente ou pelo telefone, e esta pesquisa simplesmente não teria sido possível se eles não fossem tão generosos com seu tempo e ideias sobre o assunto. A pesquisa para este projeto foi viabilizada graças ao apoio do Ken and Mary Lowe Faculty Excellence Fund do Departamento de Estudos de Comunicação da University of North Carolina.